

TURMA DO APCBH





Secretaria Municipal de Cultura
Fundação Municipal de Cultura
Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte

EXPEDIENTE

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE

Prefeito Álvaro Damião

Secretária Municipal de Cultura Cida Falabella

Secretária Municipal Adjunta de Cultura Karime Cajazeiro

FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA

Diretoria do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte Natércia Pons

Presidente Bárbara Bof

Vice-presidente Gustavo Bones

Coordenação da publicação Michelle Márcia Cobra Torre

Projeto Gráfico Greco

TURMA DO APCBH

A772

Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte – Turma do APCBH. / organização Michelle Márcia Cobra Torre. 2 ed. ampl. Belo Horizonte. Secretaria Municipal de Cultura. Fundação Municipal de Cultura. Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, 2026.

84p.: il, color, 21 cm.

Produzido pela Secretaria Municipal de Cultura. Fundação Municipal de Cultura. Belo Horizonte.

ISBN: 978-85-60151-13-4

1. Belo Horizonte (MG). 2. História 3. Educação
I. Fundação Municipal de Cultura. II. Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte.

CDD 981.51

Catálogo na fonte: Bibliotecária Ana Paula Silva CRB6.3360



Cultura



AQUI O TRABALHO NÃO PARA

Belo Horizonte • 2026

SUMÁRIO

1: Ei, Turma! Vamos embarcar numa aventura?	PG. 05
2: Conhecendo o Arquivo da Cidade com a Turma do APCBH ...	PG. 21
3: O presente e o passado da cidade	PG. 35
4: Território, identidade e memória afetiva	PG. 49
5: Viver na cidade	PG. 59



01.

**EI, TURMA! VAMOS
EMBARCAR NUMA
AVENTURA?**

APRESENTAÇÃO

Antes da história começar, quero fazer um convite especial para você. Já parou para pensar que a cidade guarda muitas histórias? Elas estão nas fotografias antigas, nos documentos, nos mapas, nos objetos, nos lugares que vemos todos os dias e também nas lembranças das pessoas que vivem aqui. Cada uma dessas histórias ajuda a contar quem somos e como Belo Horizonte foi se transformando ao longo do tempo. Essas histórias também fazem parte do patrimônio cultural da nossa cidade. O patrimônio cultural é formado por tudo aquilo que um grupo de pessoas considera importante preservar e transmitir para as próximas gerações. Ele está presente em edifícios, monumentos, praças e paisagens, mas também nas festas, nos saberes, nos modos de fazer, nas tradições e nas memórias que ajudam a construir nossa identidade. O Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte trabalha para preservar essas memórias e garantir que elas continuem acessíveis para todos. Ao cuidar dos documentos produzidos pela cidade, o APCBH contribui para que estudantes, professores, pesquisadores e cidadãos possam conhecer melhor o passado, valorizar o patrimônio cultural e compreender as transformações que fazem parte da nossa trajetória coletiva.

Neste livro, você conhecerá a Turma do APCBH, personagens muito curiosos que adoram investigar, pesquisar e compartilhar conhecimentos sobre a história da cidade. Ao lado deles, você será convidado a observar o seu entorno com mais atenção, fazer perguntas, descobrir novas informações e perceber que a memória e o patrimônio estão presentes em muitos aspectos do nosso cotidiano. Esperamos que esta leitura desperte sua imaginação, incentive novas descobertas e fortaleça o seu vínculo com a cidade. Que cada página seja uma oportunidade de aprender, explorar e valorizar as histórias, os lugares e as referências culturais que fazem de Belo Horizonte um lugar único. Boa leitura e que cada página revele novas histórias e descobertas!

Natercia Pons

Diretora do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte

PREFÁCIO

Esta publicação é motivo de muito orgulho para toda a comunidade do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, carinhosamente apelidado de APCBH! Um dos objetivos do Arquivo sempre foi de realizar pesquisas em seu rico e numeroso acervo com o objetivo de divulgá-lo para nossa diversa comunidade. E o APCBH tem muito acervo! São milhões de itens documentais, se colocássemos todas as folhas de papel do APCBH em pé, uma ao lado da outra, teríamos quase um quilômetro e meio de documentos. E isso se refere somente ao acervo textual, o APCBH ainda cuida de milhares de projetos arquitetônicos, fotografias, processos, projetos, planos... enfim, o APCBH é um mundo que conta a história de nossa cidade e de seus habitantes. Belo Horizonte pode se orgulhar de ter um Arquivo tão bonito e organizado.

O objetivo da comunidade do Arquivo, seguindo as diretrizes das políticas municipais de cultura e de transparência, é valorizar as ações de Educação Patrimonial da instituição. O APCBH guarda os documentos que mostram as mudanças da nossa cidade, dos nossos bairros, dos movimentos. Esta ampla documentação é um patrimônio de toda a cidade e, por isso, precisa ser acessada de forma democrática por todos os públicos, como os jovens visitantes que se tornarão cidadãs e cidadãos participantes da vida da cidade e militantes do nosso riquíssimo patrimônio cultural.

O programa educativo, com esta belíssima publicação, vai atender milhares de crianças das escolas municipais, com práticas de Educação e Patrimônio, que vão abordar as referências e as histórias da nossa cidade em todas as regionais. Vamos valorizar as referências de cada grupo em diálogos e mediações constantes.

Divirtam-se!

Yuri Mello Mesquita
Historiador

INTRODUÇÃO

A publicação apresenta ao público a Turma do APCBH, personagens que irão mediar as ações educativas do Arquivo Público da Cidade. A educação patrimonial desperta o interesse pelo conhecimento, pela apropriação e pelo respeito às heranças culturais firmadas em um território. É também nesse território que experimentamos nossas formas de viver e estabelecemos relações de várias naturezas. Parte-se de uma perspectiva decolonial, que pensa a educação patrimonial a partir do conhecimento e da apropriação das heranças culturais ancestrais, relacionando-as à memória e aos lugares de pertencimento. A proposta de educação patrimonial apresentada nesta publicação tem como pilares: memória afetiva, identidade e território. A consciência ambiental e urbana também perpassa a publicação. A educação patrimonial é cidadã e está atrelada à educação ambiental e urbana. As discussões propostas têm o objetivo de instigar os estudantes a pensarem em mudanças para um ambiente mais agradável para se viver, levando em consideração a sustentabilidade ambiental e socioeconômica. Uma cidade melhor, mais inclusiva, na qual prevalece o respeito às diferentes histórias, memórias e heranças culturais, fortalece a cidadania. A Turma do APCBH convida a pensar a cidade. Muitas descobertas estão por vir.

Que tal embarcar nesta incrível jornada?

Michelle Márcia Cobra Torre
Coordenadora de Pesquisa, Preservação e Educativo do APCBH



Vovô, como era brincar em Belo Horizonte quando você era pequeno?



Tenho boas lembranças da minha infância. A cidade era bem diferente, havia muitos rios e era bem fresquinho.

Onde eram esses rios, vovô? Era legal brincar neles?

Antigamente, a gente podia molhar os pés nos rios que passavam bem no centro da cidade. Eu fazia barquinhos de papel e eles navegavam pelas águas transparentes do rio. Minha imaginação levava os barquinhos para longe.



Ribeirão Arrudas, 1960. Fundo ASCOM/APCBH



Avenida dos Andradas após as obras da Linha Verde, 2008. Fundo ASCOM/APCBH

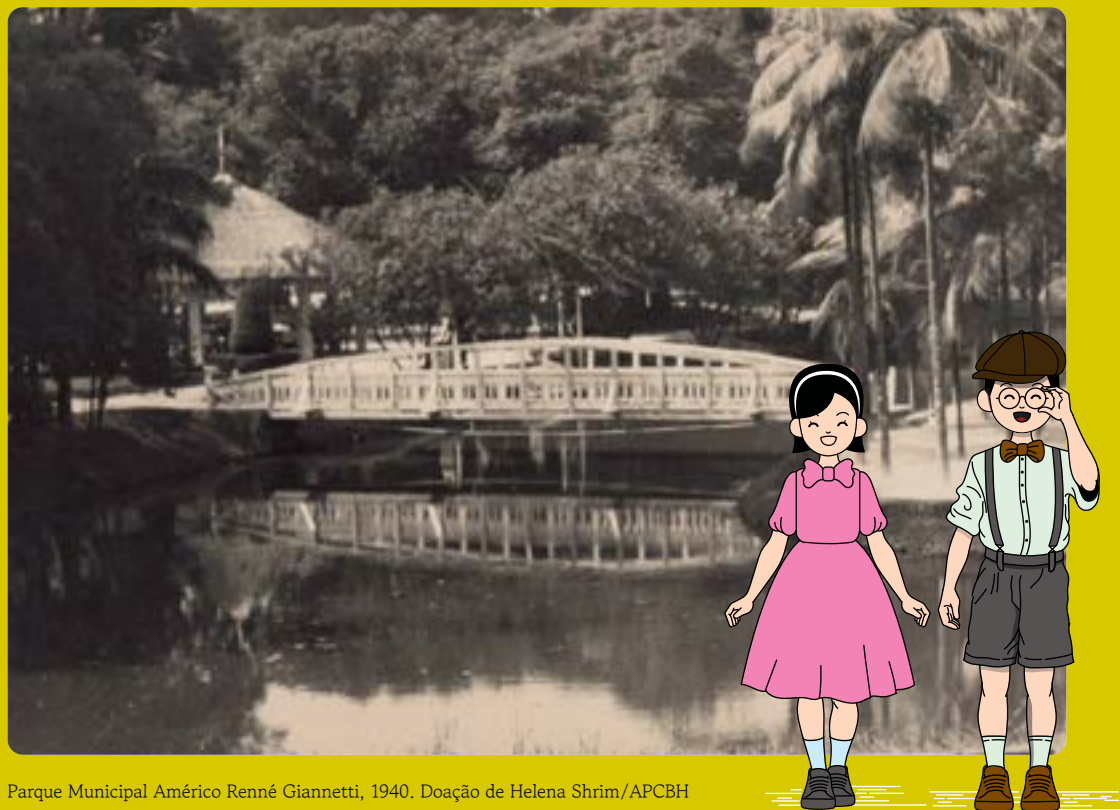


Os barquinhos que você me ensinou a fazer! Mas, vovô, não tem nenhum rio no centro da cidade! Para onde foram?

Os rios, meu neto, estão escondidos debaixo do concreto das avenidas. Quando passeamos pela cidade, não lembramos que corre muita água ali embaixo. Mas eles estão lá, pode acreditar!

Fiquei muito interessado nessa história! Queria poder viajar até o passado para saber como era Belo Horizonte antigamente!

Tem uma maneira de fazer isso...



Parque Municipal Américo Renné Giannetti, 1940. Doação de Helena Shrim/APCBH



Bom dia, moço! Que máquina engraçada, o que ela faz?

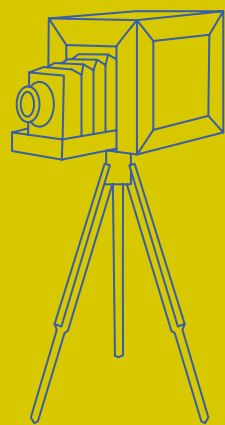
Olá garotinha! Esta é uma máquina de fotografar pessoas!



Nunca vi uma máquina de fotos assim!
Eu tenho um celular para fotografar.

Mas essa câmera é especial, minha cara! As lentes
dessa máquina fotografaram pessoas por muitos
e muitos anos. Vou te mostrar algumas, veja!

Essas fotos foram feitas no parque? Mas essas pessoas estão
com roupas engraçadas, são muito diferentes das pessoas que
estão passeando aqui hoje! Que vestido lindo dessa menina!



Minha querida amiga, essas fotos são muito antigas,
eu trabalho nessa profissão desde que era bem novo.
Veja meus cabelos brancos! Eu e essa máquina
testemunhamos muitas histórias da nossa cidade!

As pessoas se vestiam bem diferente mesmo! Os
meninos usavam um boné engraçado! E esses
sapatos? Muita gente passeava no parque? As
pessoas pediam para o senhor fotografar as crianças?

Antigamente, não existia o celular e era raridade uma
família ter fotos de seus filhos! As fotografias são
lembranças que a gente guarda para sempre de um
momento, de um passeio com a família, de uma vida!
Eu e minha câmera fizemos muitas pessoas felizes,
tenho certeza! Nós ajudamos a criar memórias!

Estou imaginando as crianças correndo pelo parque com essas
roupas diferentes! Eu queria saber como as pessoas se vestiam, o
que faziam para se divertir e como viviam na cidade nessa época.

Acho que sei onde você pode descobrir isso!



Parque Municipal Américo Renné Giannetti, 1995. Fundo Belotur/APCBH



Vovó, quando eu crescer eu também quero usar esse manto cintilante e uma coroa igual a sua!



Minha querida, você precisa saber o significado das nossas celebrações para um dia poder usar essa coroa e essas roupas.

Eu já sei cantar as músicas da festa e estou aprendendo a tocar os instrumentos também!

Isso é importante, querida, mas você precisa saber mais sobre as nossas celebrações. São elas que nos fazem ser quem somos, o amor e a memória dos nossos ancestrais, que celebramos.

Quero saber mais, vovó!

Assim como minha avó me ensinou, eu irei ensinar a você. Nossa história vem de muito tempo atrás, quando nossos ancestrais foram escravizados. É uma história de muita luta e resistência até chegarmos a você. Faz parte de mim ser congadeira, dos que vieram antes de mim e também faz parte de você agora!

Vovó, a festa é muito emocionante e eu fico esperando chegar logo para poder sair nas ruas do bairro cantando com as outras crianças. Ela está no meu coração e faz parte de mim, eu sempre serei congadeira! Será que existem outras celebrações dessas na cidade?

Existem sim, querida!

E como faço para saber mais sobre essas festas, vovó?

Você pode conversar com as pessoas que participam dessas celebrações, mas também sei de um lugar que pode te ajudar a encontrar mais sobre essas festas que fazem parte da história da cidade...



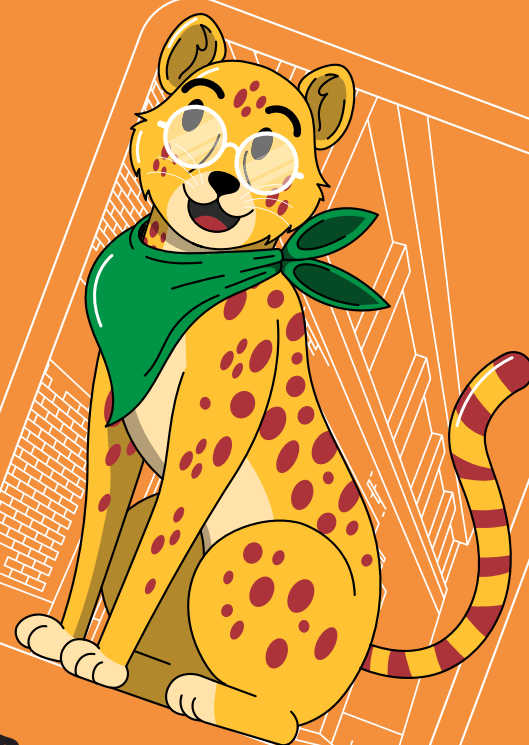
Guarda de Moçambique Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário no Bairro Concórdia. 1998. Fundo Belotur/APCBH



Fotos da Guarda de Moçambique Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário, 1998. Fundo: Belotur/APCBH



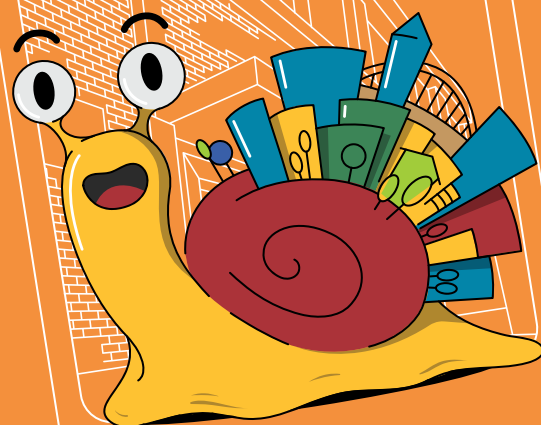
SOMOS A TURMA DO APCBH



Pesquivanda



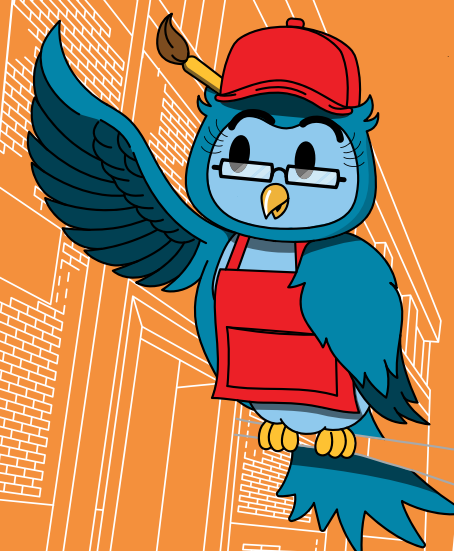
Historiana



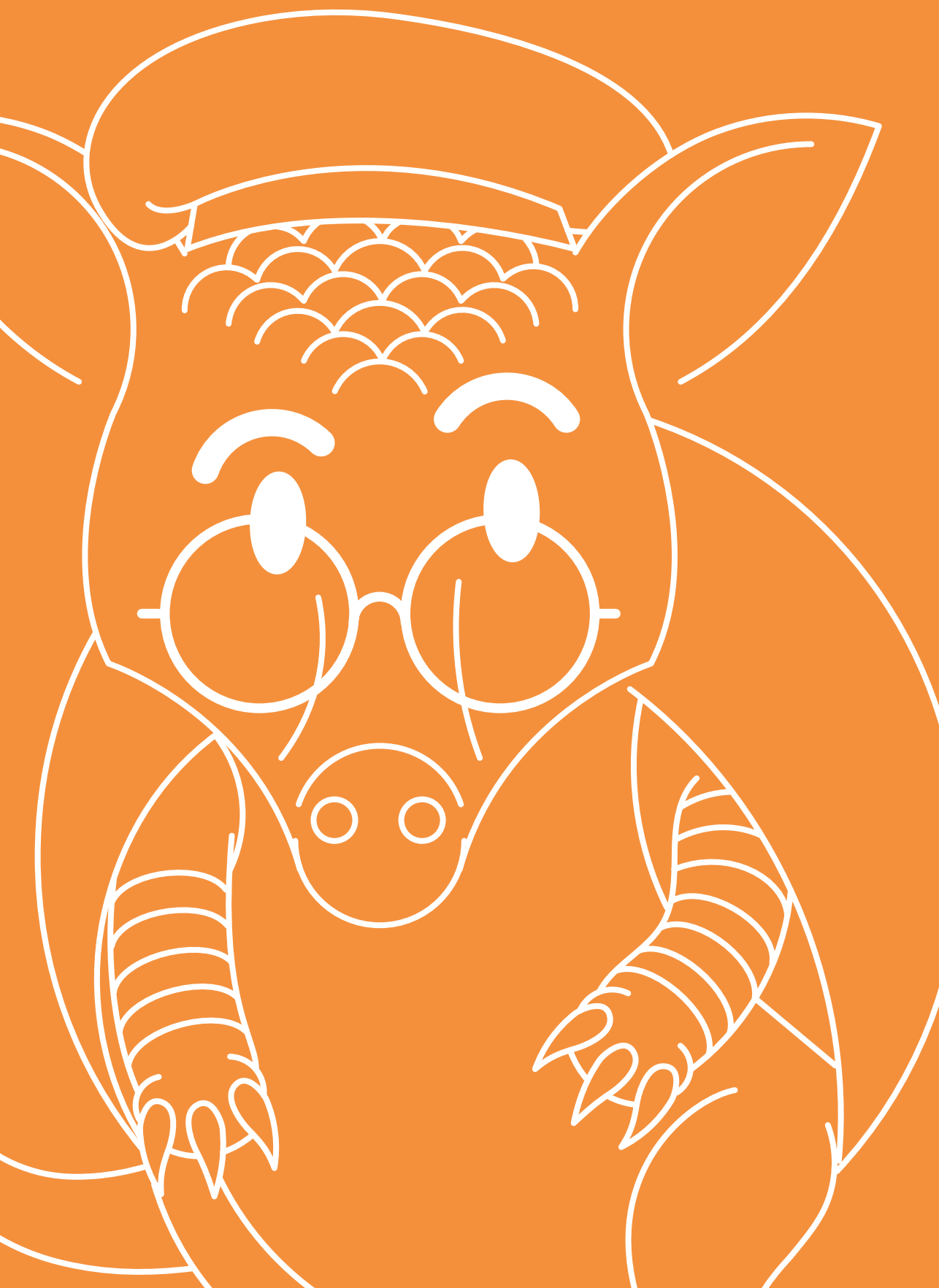
Beloricol



Arquivaldo



Conservantina



02.

**CONHECENDO
O ARQUIVO
DA CIDADE
COM A TURMA
DO APCBH**

SOMOS A TURMA DO APCBH

A história da nossa cidade pode ser contada com a ajuda dos documentos que estão no APCBH.

Aqui é um ótimo lugar para pesquisar sobre a cidade!

Os documentos são muito bem preservados por nós.

O Arquivo Público da Cidade é responsável por cuidar dos documentos de Belo Horizonte!

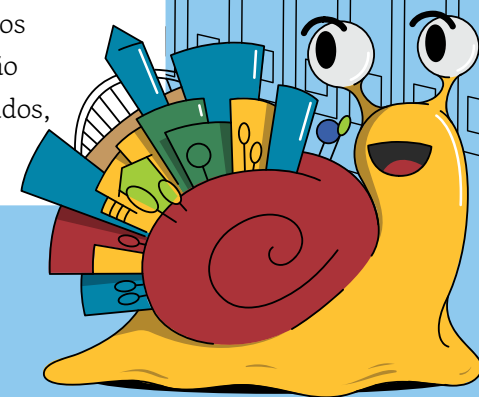
Belo Horizonte é a nossa cidade e precisamos conhecer mais sobre o lugar que vivemos!



VAMOS FAZER UM PASSEIO PELO
**APCBH COM
A TURMA!**



Meu nome é **Beloricol**. Tenho a honra de apresentar para vocês o trabalho fantástico que as pessoas fazem no APCBH cuidando dos documentos da nossa cidade! Sabiam que os documentos possuem muitas informações? E se eles não estiverem limpos, organizados e bem tratados, não é possível acessar essas informações.





Meu nome é **Arquivaldo**. Muito prazer! Sou o responsável pela organização dos documentos que estão dentro das caixas. Os documentos ficam protegidos e preservados por mais tempo. Como as caixas estão organizadas, é mais fácil achar as informações que vocês buscam!

Eu sou a **Conservantina** e cuido dos documentos do APCBH com muito carinho. Sempre que eles precisam de socorro, eu estou pronta para ajudar! Tenho os materiais necessários para salvar os documentos que estão rasgados, manchados ou amassados. Preservando os documentos, as informações também são conservadas por mais tempo!





Eu sou a **Historiana** e sempre estou em busca dos documentos que trazem informações sobre as transformações da cidade. Estou de olho no passado, mas principalmente estou atenta ao presente, porque é dele que surgem as perguntas que eu quero responder. Comparo fotografias do passado e do presente, busco me orientar por mapas e imaginar como eram as casas e o que as pessoas faziam na cidade há muitos anos atrás. Será que era muito diferente do que fazem hoje? Essas são algumas perguntas que me pego fazendo sempre que venho aqui no APCBH. Tantas histórias são possíveis de serem contadas!



Meu nome é **Pesquivanda**. Estou aqui para auxiliar vocês nas suas pesquisas sobre a cidade! Vamos lá, me digam o que vocês querem investigar, o que estão curiosos para saber! A pesquisa exige muito faro para buscar informações preciosas nos documentos. Como um detetive, vamos juntar as peças de um quebra-cabeças, para descobrir algo extraordinário!





Ribeirão Arrudas canalizado em frente à Praça da Estação, 2003. Fundo SUDECAP/APCBH



Pescaria na lagoa do Parque Municipal, 1967
Fundo ASCOM/APCBH



Grupo de Congado, 1963. Fundo ASCOM/APCBH



Planta Bacia Hidrográfica do Ribeirão Arrudas. Fundo SMAPL/APCBH





Parque Municipal Américo Renné Giannetti, 1940. Doação Helena Shrim/APCBH



Aerofoto mostra Lagoa da Pampulha e Mineirão, 1967. Fundo SMAPL/APCBH



Mapa da região metropolitana de Belo Horizonte, 1970. Fundo CHISBEL/APCBH



03.

**O PRESENTE
E O PASSADO
DA CIDADE**



Quantas descobertas
você estão fazendo no
APCBH, não é mesmo?

UMA CIDADE QUE SE TRANSFORMA

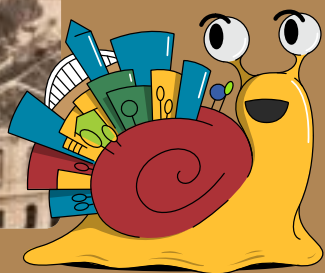
Ruas e avenidas largas. Carros, ônibus e trânsito intenso. Será que a cidade sempre foi assim? Belo Horizonte mudou muito ao longo do tempo. O bairro que você mora, provavelmente, também passou por transformações. Mas será que está tudo tão diferente assim? Pergunte para os seus pais, para os seus avós, para os seus vizinhos, como era o bairro ou como era a cidade quando eles eram pequenos! Quais mudanças eles viram acontecer e como essas mudanças estão na memória deles. Será uma conversa bem empolgante!

Meu faro diz que vocês
estão curiosos para saber
mais sobre a cidade!



Avenida Afonso Pena, 1929. Doação Flávio Caldeira dos Santos/APCBH

Belo Horizonte se
transformou muito
ao longo dos anos!



Algumas coisas
mudaram, outras
permaneceram.



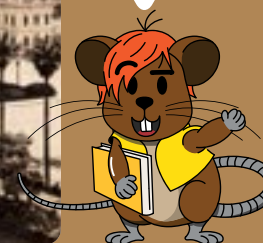
Avenida Afonso Pena, 2006. Fundo ASCOM/APCBH

Muito antes de Belo Horizonte ser inaugurada, havia nessa mesma região um povoado chamado Curral Del Rey, onde as pessoas viviam em pequenas propriedades, cultivando suas hortaliças, realizando as suas celebrações, vendendo suas mercadorias. A vida no povoado era bem tranquila, até que o local foi escolhido para ser a sede da nova capital do estado. Aí não teve jeito, o pessoal teve que se mudar para longe, vender suas terras para o governo e deixar aquela vida no passado. As casas foram demolidas para a construção da nova capital de Minas Gerais.



Cartão postal, Palácio da Liberdade, na Praça da Liberdade, 1929. Doação Flávio Caldeira dos Santos/APCBH

Aposto que estão cheios de
perguntas! Que tal conhecer
mais sobre o passado e o
presente da nossa cidade?



A cidade foi se constituindo aos poucos, começando com casas, até aparecerem os grandes arranha céus. Os rios ainda podiam ser vistos pelos moradores em vários pontos da cidade. Muitos tinham hortas em seus quintais e criavam animais para se alimentarem. A parte mais central da cidade era onde viviam as pessoas que tinham mais condições de construir grandes casas. Foi nessa região que os transportes públicos surgiram primeiro, bem como a água encanada e as casas de comércio. Os meios de transporte mudaram e o ônibus se tornou o meio de locomoção mais usado.



Vitrine da Casa Guanabara, Avenida Afonso Pena, 1950. Doação Casa Guanabara/APCBH



Ponto de ônibus, Avenida dos Andradas, 1975. Fundo ASCOM/APCBH



Avenida Amazonas com Rua São Paulo, 1950. Fundo ASCOM/APCBH



Publicidade de loja, Revista Alterosa, n. 31, 1942. Coleção Revista Alterosa/APCBH

OS TRABALHADORES E A CIDADE

Muita gente trabalhou para que a cidade fosse se transformando ao longo desses anos. Para resolver o abastecimento de água potável, grandes obras de engenharia foram necessárias. Para não ter mais acidentes entre bondes e trens, o viaduto Santa Tereza foi construído em 1928 e contou com o trabalho de muitos operários. Profissões, que antes eram essenciais para o funcionamento da cidade, deixaram de existir como os motorneiros, que eram os motoristas dos bondes, e as telefonistas, que conectavam as pessoas em suas ligações telefônicas.



Obras da Adutora do Rio das Velhas, 1961. Fundo ASCOM/APCBH



Telefonistas, Revista Novo Horizonte, n. 05, 1911. Coleção Revistas Diversas/APCBH





Construção do Viaduto Santa Tereza, 1928. Doação Maria Alice Garcia de Mello/APCBH



UMA URBE EM CONFLITO

A cidade se transforma, mas com as mudanças aparecem também os conflitos. Para a realização de várias obras como canalizações de córregos, construção de avenidas e centros comerciais, pessoas foram obrigadas a deixar suas casas. Favelas como a do Urubu, do Perrela, do Pindura Saia, e outras, foram removidas e a população se viu obrigada a deixar suas casas e se mudar para outros locais da cidade. Nem todas as pessoas que vivem em Belo Horizonte possuem moradias dignas, além de estarem em áreas de risco. A busca pelo direito de moradia continua na cidade.



Pindura Saia, local de expansão da Avenida Afonso Pena, após a Praça Milton Campos, 1965. Fundo ASCOM/APCBH



Recorte de matéria sobre a vila dos Urubus, Revista Alterosa, n. 309, 1959. Coleção Revista Alterosa/APCBH





Encontro com Yemanjá, Lagoa da Pampulha, 2018. Ricardo Laf/FMC



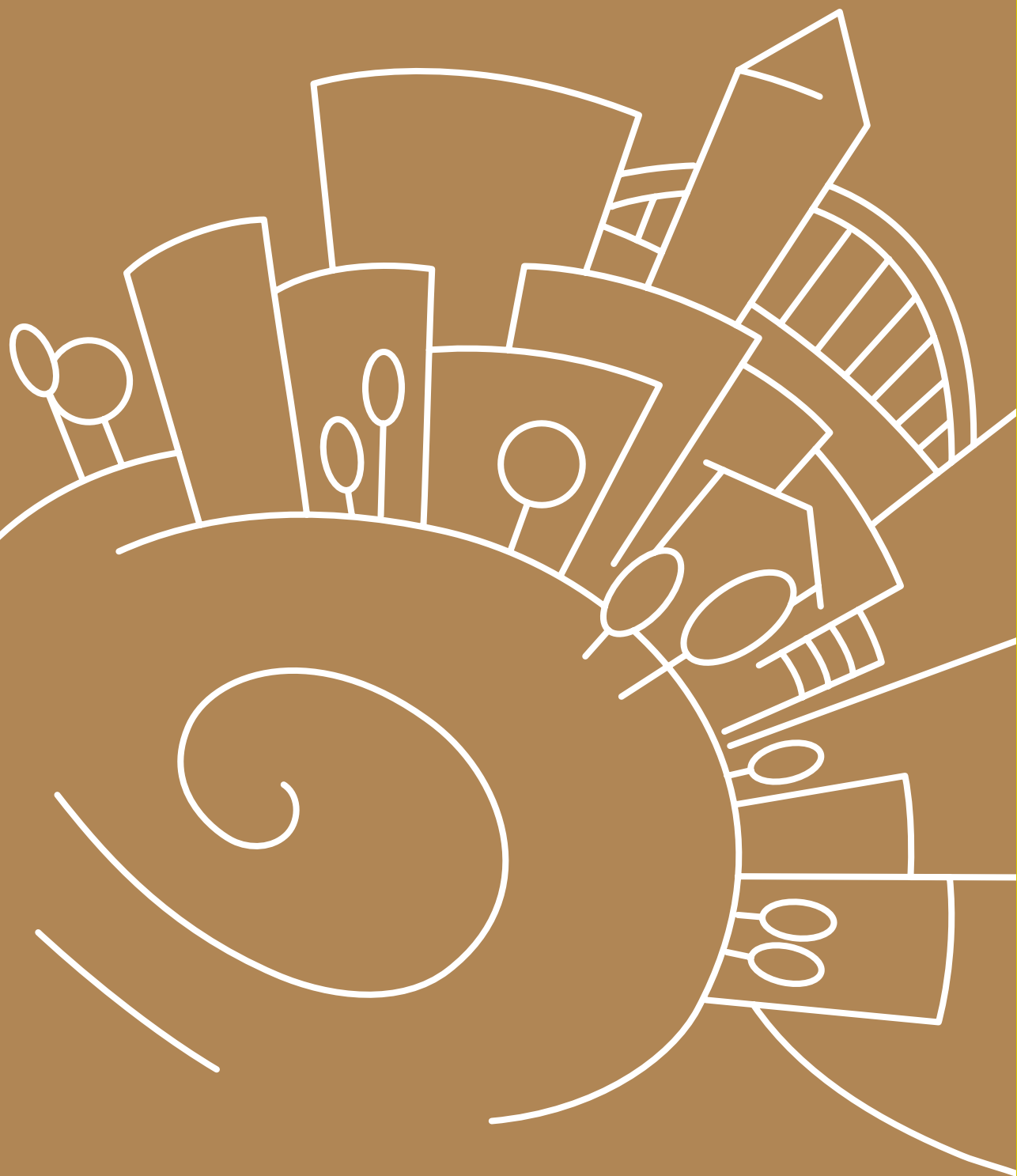
Festa de Preto Velho, Praça Treze de Maio, Regional Nordeste, 2018. Ricardo Laf/FMC

NOSSAS HERANÇAS CULTURAIS

Mas a cidade não é feita apenas de demolições e obras de urbanização. Ela é constituída pelas heranças culturais e pelas memórias afetivas que carregamos e que são passadas de geração em geração. Os modos de viver e de se fazer algo permanecem por muito tempo entre uma comunidade, como uma receita de quitute, uma canção, uma dança, a forma de tocar um instrumento, uma celebração. Muitas dessas heranças culturais fazem parte da história de Belo Horizonte e estão vivas em diversas partes da cidade, graças à resistência de gerações ancestrais.



Instrumentos musicais, Kilombo Manzo Ngunzo Kaiango, 2017. Ricardo Laf/FMC



04.

**TERRITÓRIO,
IDENTIDADE
E MEMÓRIA
AFETIVA**

Você tem afeto por esse território?
Sente que pertence a esse lugar?
O que você se identifica em
relação ao seu bairro?

O seu bairro tem várias
referências com as quais você
se identifica, não é mesmo? E
nós estamos sempre interagindo
com elas, seja uma celebração,
uma paisagem, uma edificação,
um modo de viver! Essas
são heranças culturais, que
recebemos das gerações que
vieram antes da gente!

Você se lembra de coisas que
aconteceram nesse lugar, que te
trazem boas recordações? Sente
um quentinho no coração, quando
pensa nessas memórias?

Falamos da cidade, que
tal agora pensarmos
sobre a nossa relação
com esse lugar?

Pense no seu bairro! É nele que você
vive suas experiências cotidianas.





O QUE É MEMÓRIA AFETIVA PARA VOCÊ?

Vamos lá, você se lembra da última vez que a sua avó fez aquele bolo de chocolate que você tanto gosta?

Aposto que o cheirinho e o sabor do bolo já vieram na sua cabeça, não é mesmo?

E essa memória veio acompanhada da lembrança da sua avó na cozinha misturando os ingredientes com carinho, foi isso que você imaginou?

Sempre que você se lembrar daquele bolo quentinho feito cheio de afeto pela sua avó e sentir um quentinho no coração, é uma memória afetiva dando as caras.

O QUE É IDENTIDADE PARA VOCÊ?

Você já se olhou no espelho para escovar os dentes, para arrumar o cabelo, mas já se perguntou quem é aquela pessoa que está ali na sua frente?

Aposto que se alguém pedir para você se descrever, você vai saber falar do seu cabelo, dos seus olhos, sua altura, a cor da sua roupa, não é mesmo?

Mas nessas horas você se lembra da sua história? Suas lembranças de quando era bem pequeno? Dos seus pais e seus avós? Das histórias que eles te contaram sobre a vida deles?

Você se lembra de falar do lugar que você cresceu? A escola que estudou? E as festas que você gosta de participar do seu bairro? Você sabe a letra das canções cantadas nessas celebrações?

Pois é, a nossa identidade é uma colcha de retalhos, feita com os pedacinhos de todas essas coisas e muito mais. E olha que essa colcha está sempre ganhando um novo remendo, nós costuramos e descosturamos retalhos nessa colcha ao longo de toda a vida.





O QUE É TERRITÓRIO PARA VOCÊ?

Feche os olhos e pense em alguns lugares. Onde você mora, onde estuda, onde se encontra com os amigos.

Quais são as lembranças que você tem de experiências, ou seja, de situações que você vivenciou nesses lugares?

Qual é a sua relação com esses lugares? Você conhece bem? Tem interesse de conhecer melhor, de saber mais sobre as outras pessoas que também compartilham esse mesmo lugar com você?

O território são esses lugares que vivenciamos as nossas experiências cotidianas, que nos apropriamos como nossos, onde estabelecemos laços de pertencimento, onde a nossa vida acontece. A gente se relaciona de múltiplas formas com esse espaço e com as pessoas que estão nele. Também pensamos sobre o que acontece nesses lugares, aos quais estamos ligados de diversas formas.

VAMOS PENSAR COMO JUNTAR TUDO ISSO?

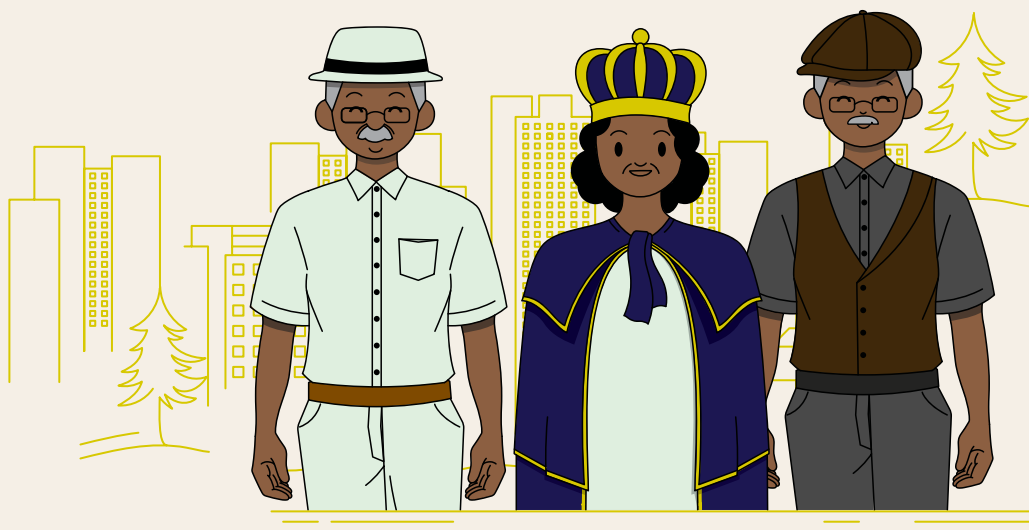
Pense no seu bairro, com as ruas que você conhece, as casas e os prédios pelos quais você passa todos os dias, a praça onde se encontra com os seus amigos no final da tarde. Você vai caminhando e se lembrando dos momentos que viveu nesse lugar. Lembra que foi nessa praça que o seu avô te ensinou a tocar atabaque e você vibrou? Lembra que foi bem ali que a sua avó te contou a história das suas ancestrais? No final da rua ainda tem aquela casa onde o pessoal da celebração se reúne para se preparar para o cortejo pelo bairro. Você reconhece que faz parte desse lugar e ele também está em você? Você caminha por essas ruas e sente um quentinho no seu coração. Isso tudo faz parte de você, da sua colcha de retalhos.



O território no qual crescemos e vivemos nossas primeiras experiências está ligado à nossa história. Criamos vínculos com os nossos vizinhos, sentimos em casa quando brincamos com nossos amigos na praça do bairro. Acompanhamos as celebrações que acontecem aqui e vamos à escola, ao posto de saúde, ao mercado da esquina. Esse é um território familiar. Sabemos os trajetos, criamos laços de afeto, construímos nossas identidades e refletimos sobre esse território. Podemos até propor mudanças para esse lugar de afeto!

Vamos pensar sobre esse território com o qual estabelecemos diferentes relações. Tenho afeto por esse lugar, nele conheci os meus amigos e frequento as praças e os parques. Conheço as pessoas que moram e que trabalham aqui. Mas eu sei quais foram as transformações que esse território passou? Como é viver nesse bairro? Ele é mais urbano? Tem mais casas ou prédios? O que me incomoda nesse lugar? Tenho ideias para melhorar o meu território?

A história do seu bairro pode ser cheia de surpresas! Talvez você nem imagine que um dia esse lugar foi uma chácara ou uma fazenda, depois chegou uma fábrica e surgiu uma vila no entorno das chaminés! A vila pode ter dado lugar a uma grande avenida e o rio que passava ao lado das casas, hoje vive no subterrâneo da cidade. Isso tudo é possível!



Veja que interessante! Esse lugar que estamos falando, com todas as coisas materiais e as experiências que você viveu nele, fazem parte da sua história! Não apenas o bairro que você mora ou estuda, mas a cidade e os lugares que você se apropria e vive suas experiências também fazem parte de você! As celebrações que você participa, que tocam o seu coração, que trazem recordações afetuosas, são também parte de quem você está se tornando. Não é incrível?

Imagine quantas pessoas à sua volta se sentem da mesma forma que você, em relação a tudo isso! E não é de agora, no passado isso também aconteceu e nossos antepassados nos contam essas histórias de afeto a todo momento, basta a gente parar para ouvir com o coração. São as heranças que recebemos, os modos de fazer alguma coisa, de celebrar nossos ritos, as paisagens, as construções, as danças, as músicas, tudo isso e muito mais! Essas heranças culturais que chegam até nós e que fazem parte de quem somos e que recebemos das mãos dos nossos ancestrais. O passado se conecta com o presente, o tempo todo!

Essas heranças culturais estão presentes na nossa vida e interagimos com elas, podemos nos apropriar se assim desejarmos, adaptando-as ao nosso presente, mas também podemos apenas conhecê-las e, o mais importante, é respeitar a diversidade de heranças culturais que existem e que fazem parte da história da nossa cidade.



05.

**VIVER
NA CIDADE**

Os problemas enfrentados são os mesmos para todos?



Será que todos vivenciam a cidade da mesma forma?



Para você, como é viver na cidade?



Tanto no passado quanto no presente?



Vamos pensar sobre os diferentes modos de estar na cidade?



MODOS DE MORAR NA CIDADE

Ao longo do tempo, as moradias de Belo Horizonte mudaram. As casas foram dando lugar aos edifícios e os quintais foram desaparecendo. Nos primeiros anos da cidade, os funcionários do governo foram transferidos de Ouro Preto para atuarem na nova capital. Foram construídas grandes residências para essas pessoas, que passaram a ocupar o bairro que hoje conhecemos como Funcionários. Para além da Avenida do Contorno, estavam as chácaras onde se produziam os alimentos para o abastecimento da parte mais urbanizada da cidade. Também existiam muitas fazendas, que mais tarde dariam origem a vários bairros. As vilas também eram comuns em Belo Horizonte, principalmente no entorno de fábricas. Porém, as vilas e as fazendas eram mais distantes da região central da cidade, onde estavam concentradas as atividades comerciais e as oportunidades de emprego. Então, as pensões surgiram como forma de moradia para os trabalhadores que necessitavam morar próximo ao centro.

E aí, os modos de morar na cidade são os mesmos para todas as pessoas? Os documentos podem nos ajudar a pensar sobre isso!

Projeto arquitetônico da
residência de Afonso Pena,
1898. Fundo SMARU/APCBH

Observe a planta da casa
do político Afonso Pena
(1847-1909), localizada no
atual Bairro Funcionários.



Veja também a fotografia
datada de 1966, que
mostra moradias em uma
favela de Belo Horizonte.



Moradias em favela, 1966. Fundo ASCOM/APCBH



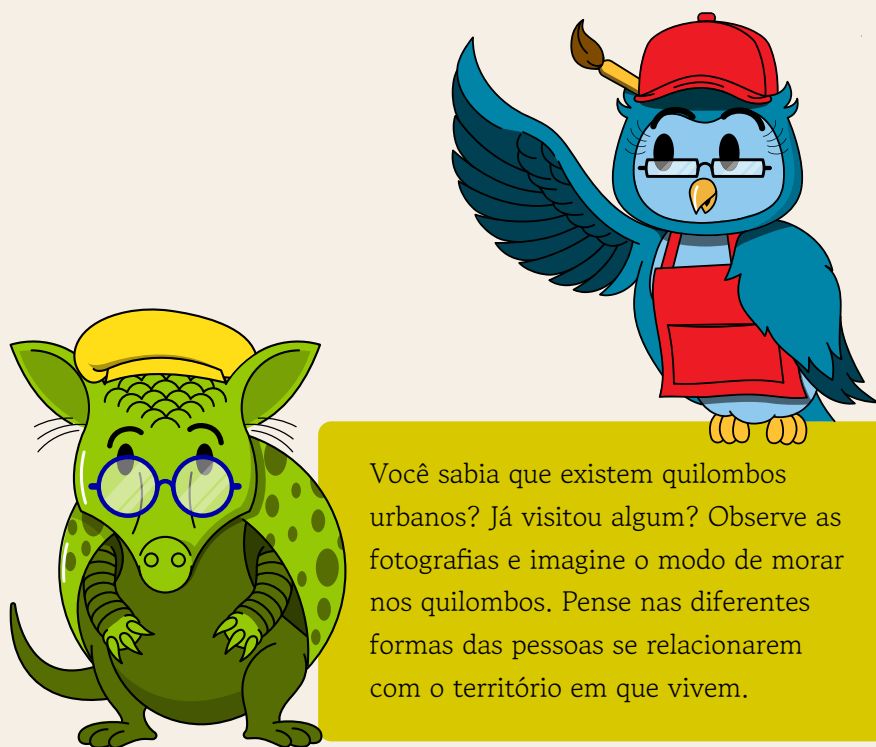
Observe os dois documentos: quantos cômodos tem a casa de Afonso Pena e quantos cômodos você imagina que as moradias da fotografia possuem?

Observe a **fotografia** e diga como você imagina ser o modo de morar. De que material são feitas as casas? Como é o entorno? Será que as pessoas que viviam nesse local possuíam recursos como água encanada, luz, coleta de lixo e meio de transporte próximo de casa?

Onde você mora, existem esses serviços? O que você faria para melhorar?

Como é o seu bairro? Há lugares públicos de lazer como praças, parques ou campos de futebol? Como as crianças se divertem no seu bairro? Existe uma horta comunitária? Há escolas, centros de saúde e comércio? O que você gostaria que tivesse no seu bairro?

Você já se perguntou se todas as pessoas que moram na cidade têm os mesmos modos de se relacionar com o território em que vivem? Alguns vivem em prédios, outros em casas, alguns em locais seguros e aconchegantes, outros em locais de risco. Alguns vivem apenas com os pais e os irmãos, outros vivem sozinhos e há aqueles que vivem em comunidades em que compartilham os modos de viver e de se relacionar com o território. Estamos falando dos quilombos, comunidades autônomas que compartilham o sentimento de pertencimento a um dado território. As comunidades se formaram a partir da resistência territorial, social e cultural. Lutam pelo direito à cidade, de ocuparem o meio urbano de acordo com as suas tradições.



Você sabia que existem quilombos urbanos? Já visitou algum? Observe as fotografias e imagine o modo de morar nos quilombos. Pense nas diferentes formas das pessoas se relacionarem com o território em que vivem.



Plantas sendo cultivadas na Comunidade Quilombola de Mangueiras, Bairro Novo Aarão Reis, 2017. Ricardo Laf/FMC



Preparativos na Comunidade Manzo Ngunzo Kaiango, Bairro Santa Efigênia, 2017. Ricardo Laf/FMC

MODOS DE SE

LOCOMOVER NA CIDADE

A mobilidade em Belo Horizonte, nos dias de hoje, é marcada pelo fluxo intenso de veículos e poucas opções de transporte público. Além disso, muitas vezes, o pedestre ou os meios de locomoção que não poluem o meio ambiente, como a bicicleta, não são levados em conta nos projetos urbanos. O acesso das pessoas a lugares e a serviços está diretamente relacionado à mobilidade urbana, ou seja, ao deslocamento mediante a utilização de meios de transporte disponíveis, bem como à garantia de transitar de forma segura pela cidade. Passarelas e pisos táteis, passeios preservados, ciclovias, semáforos e faixas de pedestres são essenciais para o deslocamento seguro.

Vamos pensar a mobilidade urbana com o uso dos documentos do APCBH?

Observe a fotografia da avenida Cristiano Machado, uma das mais movimentadas da cidade. Com base no que estamos discutindo sobre mobilidade urbana, pense nos pontos positivos e nos negativos da avenida. O que a sua construção propiciou? E o pedestre, ou seja, quem anda a pé, você observa - neste trecho da avenida - alguma alternativa segura para atravessar essa via?



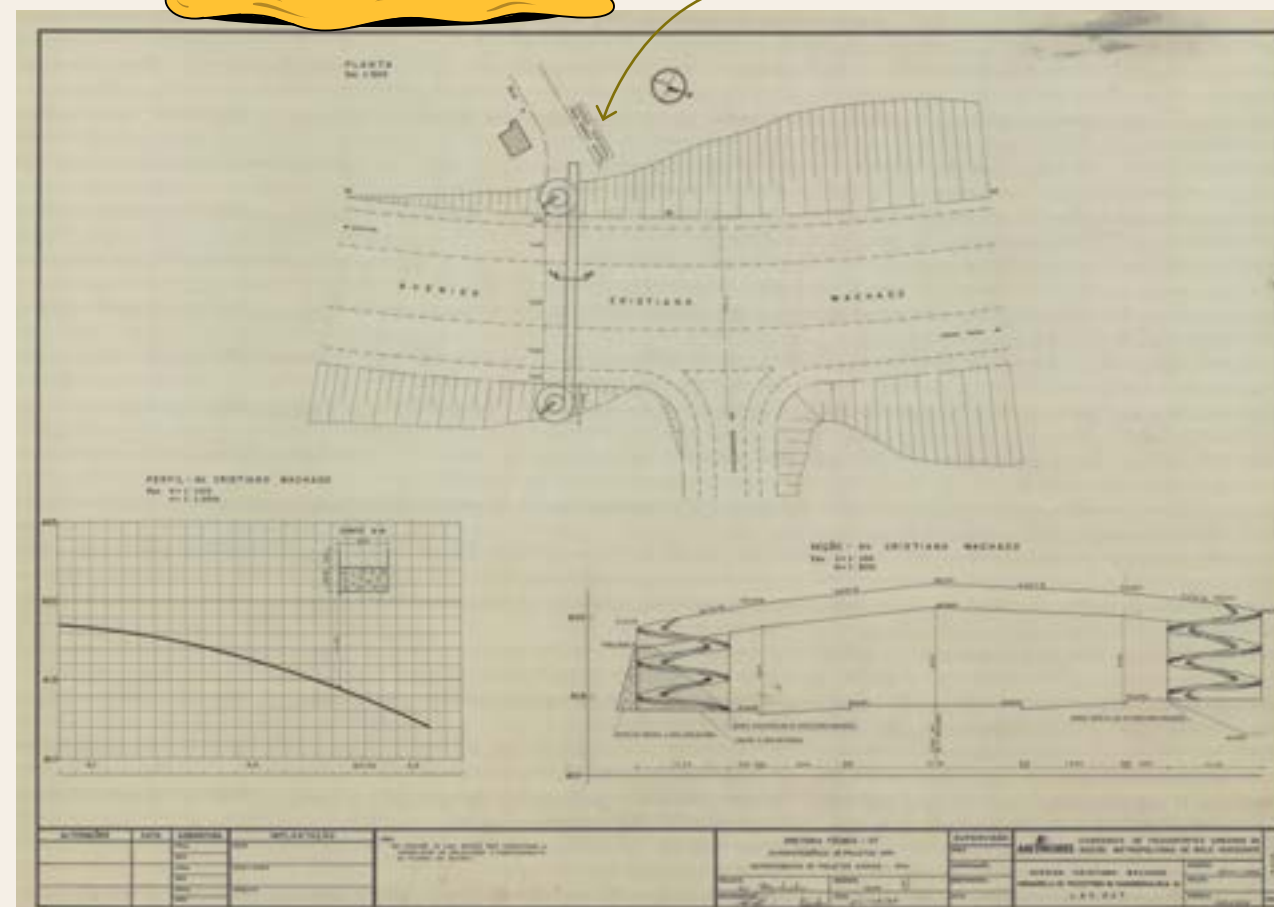
Avenida Cristiano Machado cruzamento com Avenida José Cândido da Silveira, 1986. Fundo SUDECAP/APCBH

Agora observe o projeto de uma passarela na Avenida Cristiano Machado, nas proximidades da Avenida Saramenha. Essa construção foi projetada para a mobilidade da pessoa que se locomove de que forma? É uma alternativa segura para a travessia da avenida? Quais estabelecimentos você identifica no projeto? A escolha da localização da passarela é favorável ao público que frequenta esse estabelecimento?



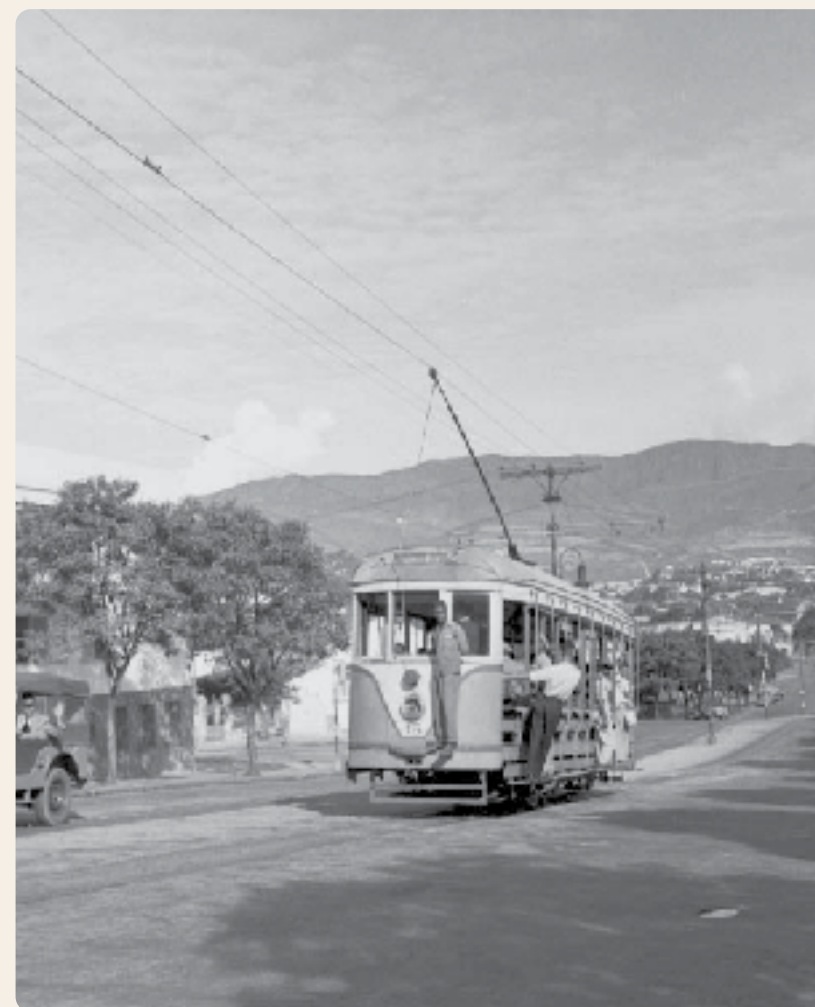
Escola Municipal Hilda
Rabello da Matta

Projeto de passarela de pedestres na Avenida Cristiano Machado, nas proximidades da Escola Municipal Hilda Rabello da Matta, 1992. Fundo BHTRANS/APCBH



Precisamos pensar em algumas questões quando falamos sobre as formas de se locomover na cidade: como você vai para a sua escola? De ônibus, de van, de carro, a pé? Será que a experiência de se deslocar de casa para a escola é igual para quem vai de carro e para quem vai de ônibus? A sua escola está localizada perto de casa ou está longe? Quanto tempo você gasta para chegar à escola? E os seus colegas? Discuta com seus amigos como é a experiência de se deslocar na cidade. Levem em conta a localidade onde cada um de vocês mora. Uma sugestão é que vocês desenhem um mapa da cidade, traçando o trajeto de cada um, saindo do bairro que mora até a escola, e comparem os trajetos percorridos levando em consideração o transporte usado e o tempo gasto. Pensem em alternativas que possam melhorar a experiência de cada um para o acesso à escola.

E no passado? Como as pessoas se deslocavam na cidade? Como será que, antigamente, os estudantes chegavam à escola? Observe essa fotografia que mostra um meio de transporte muito usado em Belo Horizonte até a década de 1960. Você sabe o nome desse veículo e qual a fonte de energia que ele utilizava para se mover? Atualmente, qual meio de transporte da cidade utiliza uma fonte de energia limpa?



Bonde elétrico na Avenida Cristóvão Colombo. Fundo ASCOM/APCBH

A mobilidade não era muito fácil nas primeiras décadas de vida da capital. Os bondes eram restritos a poucos bairros e as pessoas que moravam em fazendas e vilas usavam as carroças como meio de transporte. Às vezes, era necessário um grande deslocamento até chegar ao ponto do bonde. Esse meio de transporte utilizava a eletricidade para se deslocar pela cidade. Depois, os bondes foram substituídos pelos trólebus (um tipo de ônibus elétrico) e pelos ônibus, que se utilizam de combustíveis altamente poluentes. Belo Horizonte possui uma linha de metrô, que transporta de forma rápida, porém não alcança vários pontos da cidade.

MODOS DE SE RELACIONAR COM O MEIO AMBIENTE

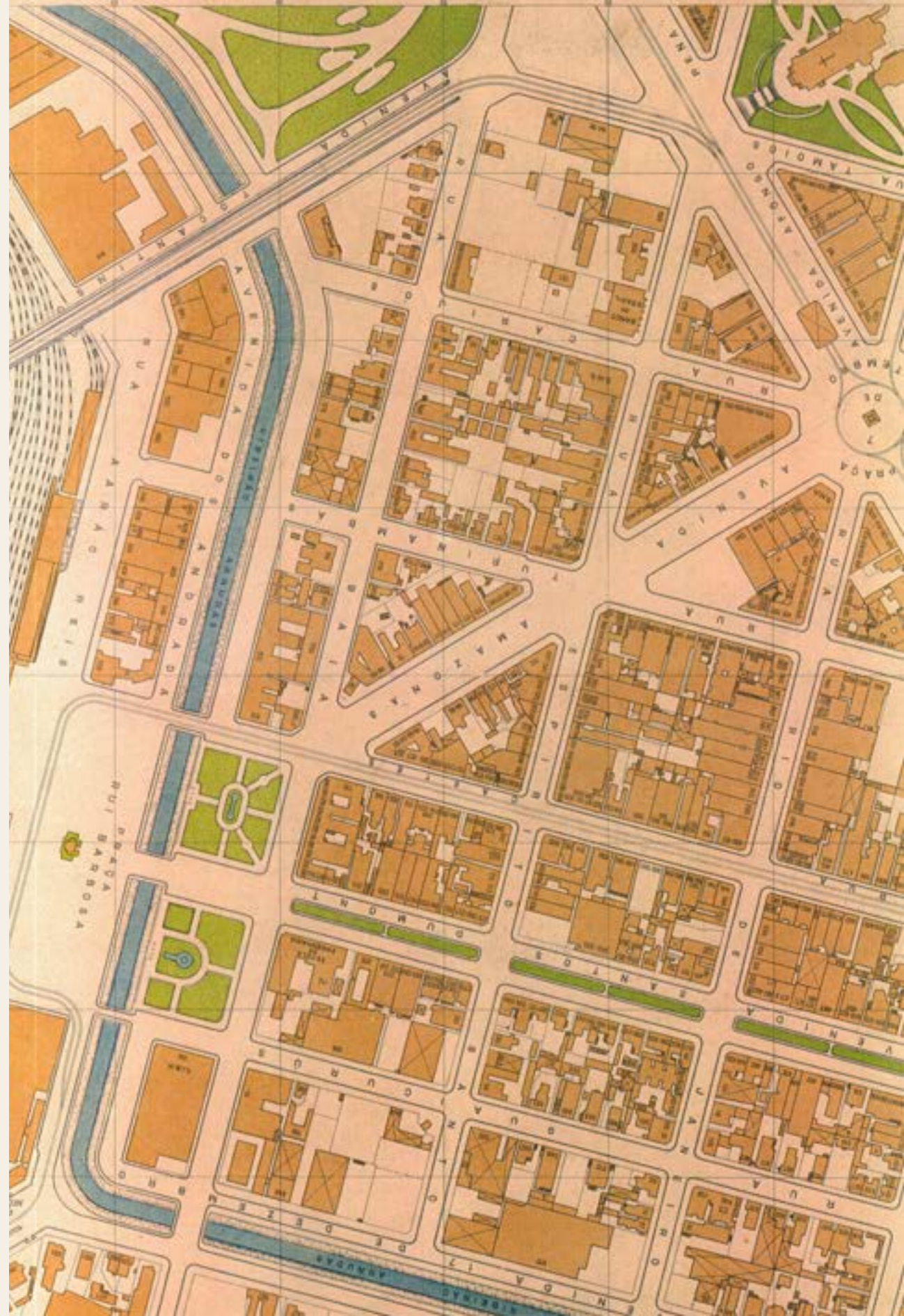
Uma cidade como Belo Horizonte enfrenta grandes desafios para assegurar a preservação de seu meio ambiente. As atividades humanas impactam o meio ambiente de várias formas, seja por meio da poluição de rios, com o despejo de esgoto, com o acúmulo de lixo em áreas próximas aos córregos, seja por meio da poluição do ar pelo combustível usado pelos veículos, ou pela degradação de áreas verdes. Tudo isso gera problemas para quem vive na cidade, ou seja, todos são atingidos. Deve ser compromisso tanto dos cidadãos quanto do governo a luta para se viver em um meio ambiente saudável. Por isso, é preciso limitar as ações que causam danos ambientais, buscando a defesa e a preservação dos recursos naturais.

Vamos consultar os documentos do APCBH para pensar as relações da cidade com o meio ambiente?

A cidade possui diversos rios, porém, quase nunca nos lembramos que eles existem. Por que? Onde estão os rios de Belo Horizonte? Os moradores se relacionaram com os rios de formas diferentes ao longo da história da cidade, o que causou diversas transformações no meio ambiente, levando a graves consequências como enchentes, desmoronamentos de morros e propagação de doenças. Observe o mapa da região da Praça da Estação, de 1942, e aponte os elementos que você identifica nele. Encontre as áreas construídas, as praças e o Ribeirão Arrudas no mapa. Descreva como você vê o traçado do rio, é cheio de curvas ou mais retilíneo? Será que esse era o leito natural do rio ou foi modificado por meio de obras urbanas?



Recorte da Planta Cadastral
de Belo Horizonte, região
da Praça da Estação, 1942.
Fundo SMARU/APCBH





Avenida dos Andradas após as obras da Linha Verde, 2008. Fundo ASCOM/APCBH

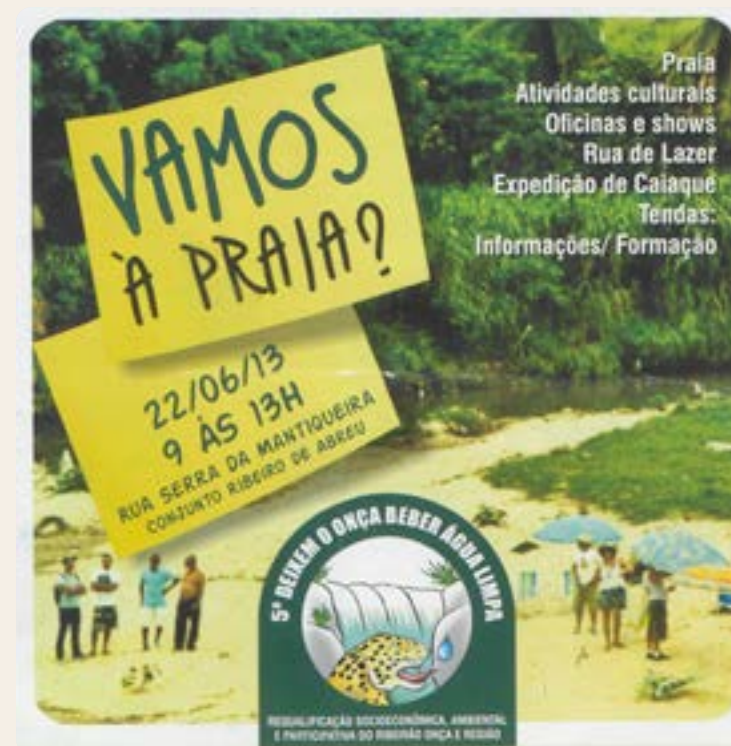
Agora observe as fotografias da mesma região anteriormente mostrada no mapa. A primeira mostra o leito do Ribeirão Arrudas canalizado. Você já viu, em alguma parte da cidade, esse tipo de canalização? Em relação à segunda fotografia, você consegue imaginar onde está o rio?



Leito do Ribeirão Arrudas canalizado, em frente à Praça da Estação, 1968. Fundo ASCOM/APCBH

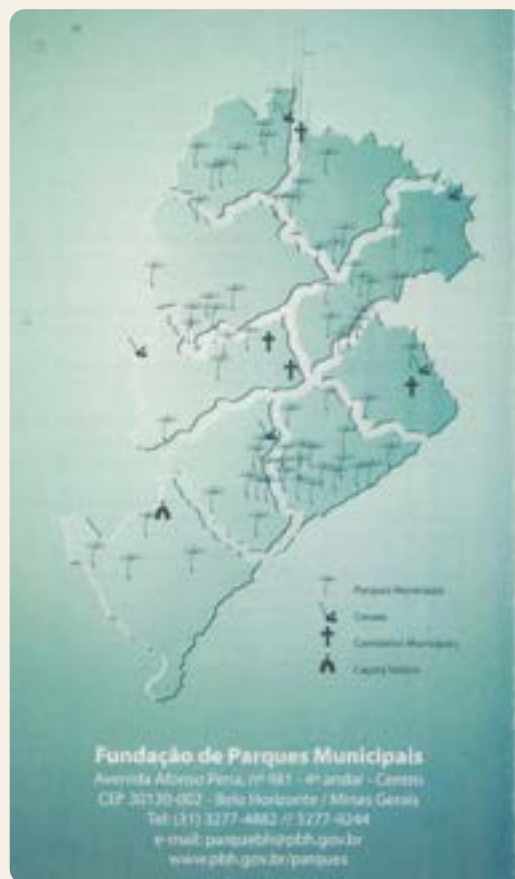
Os córregos da cidade eram vistos no passado como recursos para o abastecimento de água dos moradores, porém, com o passar do tempo e o despejo de esgoto e lixo nos rios, eles se tornaram elementos que deveriam ser banidos da paisagem urbana. Devido ao mau cheiro e às enchentes que traziam todo o lixo de volta às ruas, invadindo casas e lojas, a população e o governo municipal, optaram por tampar os córregos da cidade, asfaltando as novas ruas por onde passariam mais carros. E nos dias de hoje, como a questão dos rios é vista pelos moradores da cidade? Por que será que quando há fortes chuvas ocorrem enchentes em várias avenidas de Belo Horizonte? O que deveria ser feito para amenizar o problema das enchentes?

Leia as informações que estão no folder sobre o evento “Vamos à praia?”, o qual promoveu atividades em prol da requalificação do Ribeirão Onça. O que você entende que está sendo reivindicado pelos moradores quando utilizam a frase “Deixem o Onça beber água limpa”? A forma dos cidadãos se relacionarem com os rios da cidade mudou? O que você pensa que levaria a um meio ambiente mais equilibrado para a cidade, revitalizar os rios e integrá-los ao nosso cotidiano ou escondê-los por baixo das avenidas? Você sabe se há rios no seu bairro e como os moradores se relacionam com eles?



REIVINDICAÇÕES DO EVENTO

- RELOCALIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS:** Implementar o Plano de Relocalização de Famílias e Negócios Inseridos nas Manchas de Inundação do Ribeirão Onça, no trecho compreendido entre a Cachoeira do Novo Aarão Reis e a ETE-Onça.
- CONSTRUÇÃO NOVO ACESSO AO RIBEIRÃO DE ABREU E REGIÃO:** A liberação de 35 milhões de Reais, publicada no Diário Oficial do Município em 20/03/2013 Edição:4274, para implantação de uma ponte sobre o Ribeirão Onça, na Rua São Judas Tadeu, permitindo novo acesso ao bairro Ribeiro de Abreu, construção de diques de contenção de terra para controle de enchente e pista para caminhada no local.
- PARQUE ECOLÓGICO DO RIBEIRÃO ONÇA:** O espaço remanescente do processo de relocalização será ocupado por um parque ecológico de 6 quilômetros de extensão, conforme Plano de Relocalização. Verba para isto publicada no Diário Oficial da União em 03/09/2012 edição nº171.
- 100% DE INTERCEPÇÃO DE ESGOTO:** Com a construção dos diques para controle de enchente, a implantação do Parque do Onça a intercepção de todo o esgoto da região inclusive dos territórios ainda não regulamentados é fundamental para a requalificação da região.
- ILUMINAÇÃO E MUNICIPALIZAÇÃO DA MG-20:** A imediata iluminação de 5,2 km de rodovia e a finalização do processo de municipalização, diminuem em muito o risco a que todos os seus usuários estão expostos diariamente.



Recorte do folder "Em BH, tem sempre um parque perto de você!", 2009. Fundo SMMA/APCBH

Você sabia que Belo Horizonte tem vários parques com áreas verdes? Perto de onde você mora, ou perto da sua escola, há parques abertos ao público? Você frequenta esses parques?

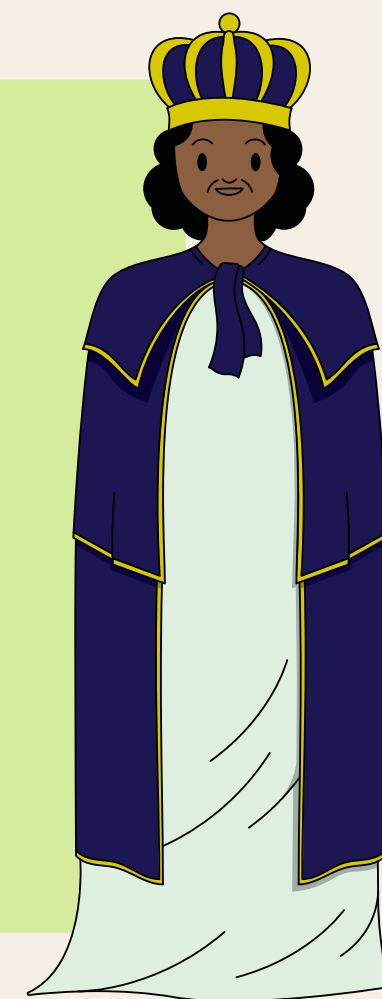
Observe o mapa de Belo Horizonte que mostra os parques municipais. Esse mapa foi reproduzido em um folder que informa sobre os parques da cidade e os seus respectivos endereços por Regional. Identifique se no mapa há parques municipais na sua Regional. Você conhece os nomes desses parques? Já visitou algum deles? Sabe se há atividades de educação ambiental oferecidas nesses locais? Pelo mapa, você consegue perceber qual a Regional possui mais parques? Gostaria que tivesse mais áreas como essas no seu bairro?

MODOS DE CELEBRAR NA CIDADE

As celebrações fazem parte das nossas heranças culturais e estão carregadas de referências com as quais nos identificamos, de história e de memória afetiva que compartilhamos com a nossa comunidade. Elas fazem parte do que denominamos de patrimônio cultural, que pode ser também nossas formas de expressão, o nosso jeito de fazer e viver, as nossas criações artísticas e científicas, as nossas riquezas ecológicas, as nossas obras e construções. Por isso, é importante conhecer, preservar, apropriar e respeitar as heranças culturais da nossa cidade para que as suas várias histórias não sejam esquecidas. Todos os patrimônios culturais contam histórias da sociedade em que vivemos.

A vocês peço licença!

Cantos, danças, vestimentas especiais, instrumentos musicais, estandartes, coroas e mantos são alguns dos elementos do Congado, uma celebração que expressa modos de devoção e modos de viver. Os cortejos acontecem em bairros da cidade, como Concórdia, Aparecida e Itaipu, em torno de datas religiosas. Embora os grupos de Congado, fundados em Belo Horizonte, não sejam do período colonial, as práticas estão baseadas em tradições ancestrais organizadas no período da escravidão e transmitidas de geração para geração. No seu bairro, você sabe se há algum grupo de Congado? Você conhece as pessoas que participam? Sabe como elas se preparam e qual o significado para elas dessas celebrações? Você participa de algum grupo de Congado?



No APCBH podemos encontrar vários documentos com informações sobre as diversas celebrações que acontecem na cidade. Vamos ver alguns?

Observe o cartaz que convida a cidade a participar de um evento: o que o documento diz que está sendo comemorado? Em qual bairro será a celebração? Qual grupo está realizando o evento? Quando a Guarda foi fundada e por qual pessoa? Observe as datas da programação. Elas estão relacionadas a alguma data importante para a história do Brasil?



Cartaz “Guarda de Moçambique Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário”. Fundo Belotur /APCBH



28ª Festa dos Pretos Velhos, 2009. Fundo Belotur/APCBH



XXVII Festa de Yemanjá, 1984. Fundo Belotur/APCBH

Observe esses documentos que convidam para celebrações em lugares diferentes da cidade: para quais eventos os cartazes convidam? Em que lugares de Belo Horizonte eles acontecem? Você já participou de algum desses eventos? Você se identifica com alguma dessas celebrações? Como essas celebrações que, como estudamos, são heranças culturais da nossa cidade, contribuem para pensarmos como é construída a história de Belo Horizonte?

MODOS DE SER MULHER NA CIDADE

A sociedade brasileira tem um grande desafio a ser enfrentado. Os direitos das mulheres, muitas vezes, não são respeitados, e a violência doméstica continua a atingir um número cada vez maior de mulheres. A conquista do voto feminino foi alcançada no país em 1932, porém, a luta por exercer as mesmas profissões que os homens sempre foi árdua e cheia de percalços. Como você imagina que era ser mulher em Belo Horizonte no passado? Quais profissões a mulher poderia exercer? Muitas das vezes, as mulheres ocupam profissões subalternizadas pela sociedade, que hierarquiza os cidadãos segundo classe, gênero e raça. Os modos de ser mulher variaram na cidade, ao longo do tempo. Atualmente, há mais mulheres ocupando cargos políticos, como vereadoras na Câmara Municipal, porém, é necessário que as mulheres ocupem mais espaço na cidade, lutando por direitos e oportunidades para todas.

Vamos ver alguns documentos do APCBH que nos ajudam a investigar os modos de ser mulher na cidade?



Observe as imagens de mulheres em suas ocupações diárias: de quando são essas imagens? Quais são as profissões que as mulheres estão exercendo? Essas ocupações ainda são majoritariamente destinadas, pela sociedade, às mulheres? Por que você acha que os homens não exerciam essas profissões?



Costureiras da Fábrica da Casa Guanabara, 1956. Doação Casa Guanabara/APCBH



Ilustração de matéria sobre afazeres domésticos, Revista Alterosa, n. 09, 1940. Coleção Revista Alterosa/APCBH



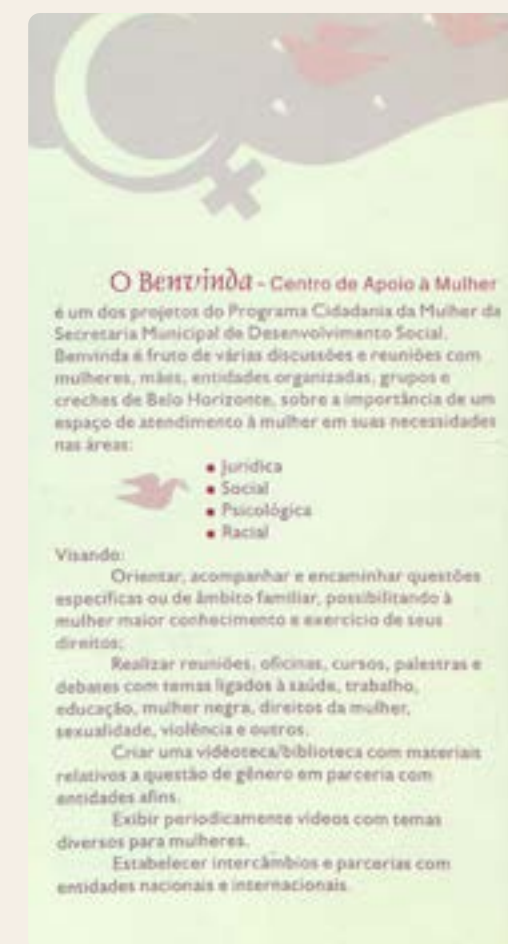
Concurso para professoras, 1969. Fundo ASCOM/APCBH

Nos dias atuais, você observa as mulheres ocupando profissões além dessas das fotografias? E quais profissões você ainda vê poucas mulheres atuando? Em quais profissões você gostaria de ver as mulheres conquistando espaço?



Funcionárias da seção de informações, 1963. Fundo ASCOM/APCBH

Veja o folder a seguir, que traz informações sobre o “Benvinda: Centro de Apoio à Mulher”, um projeto do Programa Cidadania da Mulher, da Prefeitura de Belo Horizonte, que tem o objetivo de ser um espaço de acolhimento para as mulheres, com atendimento jurídico, psicológico e social. Segundo a sua percepção de como as mulheres são tratadas na sociedade em que vivemos, você imagina por que elas precisam de um centro de apoio? O que o Benvinda oferece às mulheres da cidade? Se você é uma menina, como você se sente sendo mulher em Belo Horizonte? Você acha que seus direitos como cidadã estão sendo respeitados? Você se sente segura ao caminhar pelas ruas do seu bairro?



Folder do Projeto Benvinda: Centro de Apoio à Mulher. Fundo SUASS/APCBH

ESPERAMOS QUE VOCÊ TENHA SE DIVERTIDO!



Para mais informações e
agendamentos de visitas escolares,
você pode nos enviar um e-mail:
educativoapcbh@pbh.gov.br

Acompanhe o APCBH pelo
Instagram: [@arquivopublicobh](https://www.instagram.com/arquivopublicobh)
Venha nos visitar! Estamos na
Rua Itambé, 227, Bairro Floresta,
Belo Horizonte - MG.

TURMA DO APCBH



Cultura



**BELO
HORIZONTE**
PREFEITURA DO POVO

AQUI O TRABALHO NÃO PARA